

## **Pilão Arcado e Remanso: patrimônios que dormitam**

### **Gercinair Silvério Gandara**



Docente da Universidade Estadual de Goiás. Pós-Doutora em História (Universidade Federal de Goiás, Programa Nacional de Pós-Doutorado - CAPES). Doutora em História Social (Universidade de Brasília). Pires do Rio [GO], Brasil. <gercinair.gandara@ueg.br>.

### **Resumo**

O patrimônio construído das cidades-beira de Remanso e Pilão Arcado dormita nas águas doces do lago Sobradinho. Elas foram submersas e/ou ilhadas em toda sua territorialidade, suas práticas, hábitos, sonhos e marcas nas águas doces do Lago de Sobradinho. É, pois, preciso recuperar a dimensão material, ou seja, a geograficidade da paisagem arquitetônica que descreve a história das cidades-beira submersas. As comunidades beiradeiras não podem ser compreendidas sem o seu espaço, pois a identidade sociocultural das pessoas está ligada aos atributos do espaço concreto, do seu território que nada mais é do que uma complexa rede de relações sócio-espacial. Saliento que a força geradora sociocultural das cidade-beira e sua sinergia com o espaço geográfico coloca em destaque a importância do Patrimônio Ambiental.

### **Palavras-chave**

cidades, território, espaço vivido, tempo, patrimônio ambiental.

## **Pilão Arcado and Remanso: asleep heritage**

### **Abstract**

The built heritage of the border city of Remanso and Pilão Arcado slumbers in the fresh waters of Sobradinho Lake. They were submerged and/ or marooned in all its territoriality, their practices, habits, dreams and marks in fresh waters of Sobradinho Lake. It is, therefore, necessary to recover the material dimension, ie, the geographicity of the architectural landscape describing the history of the submerged border towns. The border ("beiradeiras") communities can not be understood without its space, as the socio-cultural identity of the people is linked to the attributes of the concrete space, the territory which is nothing more than a complex network of socio spatial relations. I stress that the socio-cultural force of border city and its synergy with the geographical space puts emphasis on the importance of Environmental Heritage.

### **Keywords**

cities, territory, lived space, time, environmental heritage.

## 1. Introdução

Os resultados aqui apresentados são frutos da pesquisa do meu Pos-Doutoramento do Programa Nacional de Pós-Doutorado — CAPES — na Universidade Federal de Goiás 2009-2014. Coordenado pelo prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho.

A construção da barragem de Sobradinho inundou as cidades-beira Remanso e Pilão Arcado-BA. A paisagem geográfica das cidades-beira baianas e do corpo fluvial se manifesta concretamente como testemunho de um tempo e de um espaço construído que desapareceu arrastado pelas águas represadas do rio São Francisco. Em tempo passado as águas do Rio São Francisco causou palpitações e emoções nas vidas beiradeiras. Como diz Lefebvre (1974, p. 211), “um espaço é a inscrição de um mundo de um tempo”.

A categoria espaço, pela sua universalidade e anterioridade histórica, provê o fundamento básico da própria sociedade. Já a noção de território é uma representação coletiva, uma ordenação prime-va do espaço. A transformação da categoria espaço em território é um fenômeno de representação através do qual os grupos humanos constroem sua relação com a materialidade, num ponto em que a natureza e a cultura se fundem. A noção de território, sem dúvida, é formada através do dado imediato da materialidade, mas esse é apenas um componente, já que todas as demais representações sobre o território são abstratas. Segundo Rafestin, “o caráter identitário na compreensão do território é desenvolvido por Marcel Roncayolo, que considera que a territorialidade tem um sentido essencialmente coletivo, dependendo das relações entre os indivíduos ou grupos que expressam um estatuto, uma expectativa, definindo-se em função do ‘outro’ grupo ou indivíduos” (RAFESTIN, 1993, p. 153). Alguns autores têm priorizado a dimensão simbólico-cultural na construção do território, considerando-o como uma identificação que determinados grupos desenvolvem com seus “espaços vividos”. Entre eles, Felix Guatari entende que,

*“o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATARI, 1985. p.110)<sup>1</sup>.*

Werther Holzer constrói outras perspectivas na definição de território. Argumenta que o território pode ser visto como um conjunto de lugares, onde se desenvolvem laços afetivos e de identidade cultural de um determinado grupo social. Enfatiza “caminhando, estamos no mundo, encontramos-nos num lugar específico e, ao caminhar nesse espaço, tornamo-lo um lugar, uma moradia ou um território, uma habitação com um nome.” Neste sentido, “a concepção de território tem como base o 'lugar', este sim um conceito essencial para a formulação de um 'mundo' pessoal ou intersubjetivo” (HOLZER, 1997, p. 83-84)

Aqui nossas preocupações comportam as questões de ordem social, territorial, ambiental e patrimonial. A noção de Patrimônio Ambiental nos permite acompanhar as transformações dadas ao espaço-geográfico com os surgimentos das cidades-beira Pilão Arcado e Remanso, mas, também, dos seus destinos ao longo do tempo com o desaparecimento dos seus referenciais, tais como marcos arquitetônico, paisagens e manifestações culturais. A ideia de Patrimônio Ambiental surge e associa-se ao conceito de espaço e tempo. Surge a partir da delimitação de um território, onde se considera desejável preservar as histórias e memórias do lugar. Verificamos que devemos estar atentos às relações necessárias que existem entre o meio ambiente, o saber, o

<sup>1</sup> Entre estas categorias, devemos lembrar que o território esteve muito vinculado ao controle do “poder estatal” e à constituição do espaço do Estado-nação. É claro que esta visão de território é também uma criação cultural, mas estabeleceu certa rigidez de suas fronteiras e uma fixidez temporal do controle do espaço físico. Muitos autores têm contestado esta simplificação, dando ênfase ao caráter político não estatal na construção do território.

artefato, o indivíduo e a natureza. Destarte, o patrimônio cultural e ambiental de uma sociedade, região ou comunidade é múltiplo. Particularmente, consideramos que a noção de Patrimônio Ambiental se insere no conceito de patrimônio cultural brasileiro que definiu na Constituição Federal Brasileira de 1988, no artigo 216:

*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).*

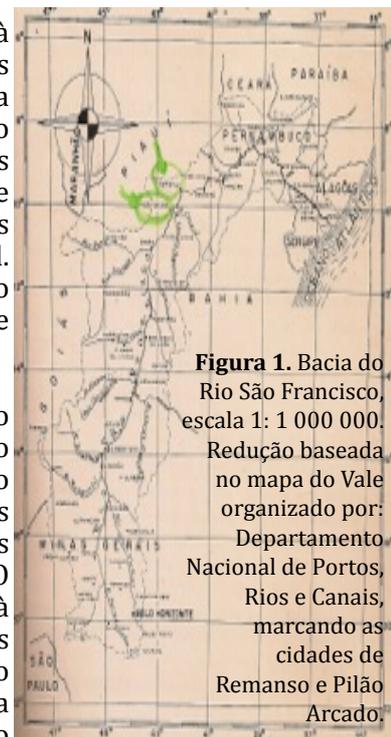
Assim sendo, para compreendê-las devemos nos lançar no âmago, no ponto central, em que tudo se originou e adquiriu sentido, e eis que a vida histórica cotidiana dessas cidades só reencontraremos na imortalidade da memória. Ressalto que em minhas leituras/estudos, a memória é entendida não como base sobre a qual se inscrevem concatenações de atos. Nessa perspectiva, a história das cidades-beira-rio Pilão Arcado e Remanso se desenvolve sobre o modelo de rememoração. Foi a memória do passado das gentes daquelas cidades-beira que nos permitiu uma reconstituição compreensiva dos fragmentos da vida cotidiana urbana que entraram para o horizonte dos silêncios e dos esquecimentos. Como afirma Le Goff (1992, p. 426): “[...] os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores”.

## 2. Ramos de um mesmo tronco: Pilão Arcado e Remanso

*[...] todos os vales do quais os cursos d'água têm o papel de primeiros caminhos, favorecem para a concentração de riqueza e de potência (LA BLACHE, 1954, p.51).*

Foi no trânsito de tropas e boiadas que demandavam o vale, à beira-rio São Francisco, que surgiram os núcleos humanos denominados Pilão Arcado e Remanso, numa consequência lógica da presença da água e de solos férteis. A transformação do meio “natural” em espaço geográfico foi feita de forma lenta, mas contínua, desde o século XVI. No lombo ou nos cascos que se formaram na região os núcleos humanos sanfranciscano mantidos a base do comércio do ouro, da carne, do couro e do sal. Inicialmente estreitamente ligada ao transporte animal que, ao lado de uma estrutura de transportes predominantemente fluvial, se formava concomitantemente a outra terrestre, as cidades.

O surgimento dos ambientes citadinos de Pilão Arcado e Remanso trazem as marcas de épocas de abundantes relações no/do/pelo rio São Francisco. Elas se formaram em torno dos currais. O gado marcou a legenda da ocupação territorial de características inconfundíveis nesse trecho baiano do médio São Francisco. Elas têm suas histórias marcadas por representações e lendas. O exemplo de Pilão Arcado, que seu próprio nome está ligado à lenda de pescadores que encontraram um pilão, em uma das margens do rio São Francisco, com um formato de curva em arco utilizado para pilar o sal. Delas há uma exibição de valentias na literatura local. Ambas as cidades são marcadas pela crueldade do coronel Militão Plácido de França Antunes<sup>2</sup> e, por outros entreveros entre coronéis das duas



**Figura 1.** Bacia do Rio São Francisco, escala 1: 1 000 000. Redução baseada no mapa do Vale organizado por: Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, marcando as cidades de Remanso e Pilão Arcado.

<sup>2</sup> Militão Plácido de França Antunes foi o primeiro grande proprietário de terras de que se tem registro. Chegou à região em 1820 e exerceu o poder na região até 1860, quando faleceu. Suas posses de terra, que eram também as áreas de domínio, compreendiam, aproximadamente, o perímetro hoje ocupado pelos municípios de Pilão Arcado, Remanso e Campo Alegre. Seu imenso poder econômico se confunde com o poder político que exerceu, como única autoridade no Baixo-Médio, posição consolidada por uma milícia numerosa e bem armada. No vazio institucional, Militão era o estado (SILVA, 2010, p.6).

localidades. São atribuídos à disputa pelas áreas de coleta de carnaúba e também, entre fazendeiros por áreas de maniçobais que resultaram em muitas guerrilhas na região que se decompueram em algum ponto dos anos 1930/1940<sup>3</sup>. Vale dizer que aquela territorialidade possui então um caráter multidimensional que entrelaça muitos dos aspectos da vida humana. A configuração sócio-espacial da região sanfranciscana das localidades Remanso e Pilão Arcado são citadas na toada dos Remeiros como “Remanso da Valentia [...] Pilão Arcado da desgraça”. Essas localidades foram lugarejos de homens valentes, encravado no interior agreste da Província da Bahia. Essa representação é tão forte que perdura e faz parte da memória regional. Procurei revisitar este território da memória, por meio das narrativas, das lembranças, dos relatos, perpassando aos registros iconográficos procurando acentuar os cenários que formou/formava a “geografia” de ambas cidades.

Falar de Pilão Arcado e Remanso é reportar às lutas do coronelismo no Brasil e, em particular, no Médio São Francisco. Mas pensar as cidades-beira-rio, seus traçados, suas casas, ruas, pessoas e o rio no/do passado é rememorar sonhos e lembranças ilhados e/ou submersos pelas águas do lago Sobradinho. As histórias destas cidades-beira se imbricam e se complementam.

Pilão Arcado originou-se de um arraial fundado, em fins do século XVII, por ordem do vice-rei D. João de Lencastre, com a “finalidade de sustar as constantes rapinagens dos índios mocoazes e acoroazes às fazendas de gado da região” (FERREIRA, 1958, p.114). A capela ali erigida e dedicada a Santo Antônio foi elevada a categoria de freguesia por Carta Régia de 18/01/1771 com o nome de Santo Antônio do Pilão Arcado. Pelo Alvará Régio de 15/01/1810 o Arraial foi elevado à categoria de Vila. Pela Resolução Provincial nº 650 de 14/12/1857 foi extinto como município, integrando então o território de Vila de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcado. Desmembrou-se de Remanso em 1890 e foi elevada à categoria de cidade em 1938. A cidade era provida de porto fluvial servido pelos vapores que trafegavam no rio São Francisco. “Pilão Arcado, sem dúvida é um dos mais antigos núcleos humanos do vale” (LINS, 1983, p.25). Em 1974, por consequência da implantação da Barragem Sobradinho, no rio São Francisco, a sede desta cidade-beira foi transferida para outro local, distante 62 km. A nova cidade foi planejada e construída pelo Governo Federal. A cidade de Pilão Arcado não foi tragada, mas foi/está ilhada pelas águas do Lago de Sobradinho. O Território da antiga cidade com suas edificações constituem hoje um sítio arqueológico a céu aberto.



**Figura 2.** Passado: Igreja Matriz de Pilão Arcado. Fonte: Acervo Particular do Sr. José da Franca, Pilão Arcado, 2013. Presente: Ruína da Igreja Matriz de Pilão Arcado. Acervo Particular de Gercinair Silvério Gandara. Foto: maio/2014.

<sup>3</sup> Na literatura ficcional regional há muitas narrativas dos feitos coronelistas da região tanto de Pilão Arcado quanto de Remanso. Nelas há elementos que caracterizam a figura do coronel e o sistema político-social que gravitava ao seu redor. Demosthenes Guanaes Pereira (1976) dedicou a obra intitulada “Casquados e Borboletas” à crônica da rivalidade política e seus desdobramentos entre essas duas cidades/municípios. Em várias obras o autor narrou Remanso sob o domínio dos senhores da época, mas também apresentou a vida no Vale, principalmente a dos anos 1930. Wilson Lins também registrou em suas obras as batalhas entre as antigas fazendas da região, especialmente no romance intitulado “Remanso da Valentia” de 1967 em que narra a “bravura dos caibras” daquele tempo entre Francisco Leobas, de Pilão Arcado, e Castelo Branco, de Remanso. Também no seu livro *O Médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros* de 1983 em que contribui, a seu modo, para se entender o vale do São Francisco em seus diferentes aspectos, histórico, político, geográfico e social.

O território Fazenda Nossa Senhora do Remanso, no começo do século XVII, integrava a sesmaria do Conde da Ponte, que fazia parte de Juazeiro. O povoamento do território se iniciou no final do século XVIII. Para a fazenda Arraial convergiam os que fugiram às lutas armadas travadas em Pilão Arcado entre as famílias Guerreiro e Militão, em fins do séc. XVIII. Ali os refugiados acabavam se estabelecendo e dimensionando o núcleo existente. Seus terrenos férteis e vegetação adequada à criação de gado, a pesca e a abundância de água também foram outros atrativos que contribuíram para a fixação de outros moradores e/ou novos refugiados atraídos por suas riquezas ditas “naturais”. O contingente de refugiados e “aventureiros” aumentou o núcleo existente às margens do rio São Francisco, no local onde um grande remanso formava seguro porto de atracação. Formou-se aí o Arraial de Nossa Senhora do Remanso. Esta característica geográfica do rio denominada remanso consiste de um ponto de menor profundidade, estreito e com calmaria. Para uns são águas que correm vagorosamente como que paradas. Para outros, o remanso é resultante de correnteza contrária ao seu curso. Para outras vezes trata-se de um redemoinho ou “redemunho”<sup>4</sup>. Para nós importa que a característica geográfica daquele ponto do rio São Francisco, em frente ao local onde nasceu a cidade, lhe emprestou a alcunha e serviu como entreposto ligando as margens físicas do rio, o território e outras regiões.

Pela Resolução Provincial nº 650 de 14/12/1857 transferiu-se a Vila de Pilão Arcado para o Arraial de Remanso sendo criada a Vila e Município de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcado. Alterou-se a toponímica municipal de Remanso do Pilão Arcado para simplesmente Remanso por força da Lei Estadual nº 369, de 08/08/1900 com sua elevação à cidade. Só em 1890 foi restaurado o município de Pilão Arcado, desmembrando-se da área de Remanso que perdeu parte do seu território para a composição do município de Pilão Arcado. Essa cidade-beira-rio se encontra hoje encoberta pelas águas do Lago de Sobradinho. No período de estiagem, contemplam-se as suas ruínas. O período da mudança da cidade “velha” para a nova Remanso é contada politicamente como um dos mais importantes fatos históricos do Município.



**Figura 3.** Passado: Estação de Tratamento de água. Fonte: Lucia Libório, Remanso [BA]. Presente: Ruínas localizadas a cerca de 7 km do centro da nova cidade de Remanso. Fonte: Acervo Particular de Gercinair Silvério Gandara. Fotografrado em julho de 2013.

Como se vê as lutas armadas em Pilão Arcado contribuiu potencialmente com o surgimento de Remanso. Destarte, pode-se sugerir/afirmar que o surgimento da cidade-beira Remanso é consequência das lutas armadas e das migrações em seu nascedouro. Essa Vila se distinguia pelo seu comércio, principalmente por causa do sal produzido nas salinas da vizinhança, da rapadura e pelo seu porto de atracação.

A comunidade das cidades-beira Remanso e Pilão Arcado eram constituídas por comerciantes e donos de rebanhos, entre estes advogados e médicos, muitos dos quais acumulam a exploração do comércio. Dentre eles eram repartidos os cargos políticos como prefeito, delegado, subdelegado e seus suplentes, juiz de paz, promotor, escrivães, tesoureiro da prefeitura, fiscal do município, etc. Desde o começo do surgimento de ambas as cidades havia pequenos bodegueiros e lojistas que não possuíam terras e nem pareciam ter interesse pela pecuária ou agricultura. Ali era comum um filho seguir o ofício do pai, talvez por falta de oportunidades de se aprender outros ofícios. Com o aparecimento das companhias de navegação fluvial novas oportunidades surgiram com os escritórios, oficinas e estaleiros, mas não era difícil encontrar no leme de um gaiola um descendente de um velho “prático”.

<sup>4</sup> Na linguagem local.

O traçado das cidades beiradeiras Pilão Arcado e Remanso eram de ruas estreitas e tortuosas que acompanhavam o curso do rio, daí as ruas paralelas ao rio. Os edifícios públicos eram poucos geralmente a Igreja, o Cemitério, a Casa de Câmara e Cadeia. De monotonia e calma se traduzia a vida nas duas pequenas cidades-beira. Elas viviam dos produtos extrativos da flora, da fauna e do rio com um pequeno comércio. Essa calma só era quebrada em momentos dos embates/lutas sangrentas entre as famílias rivais.

As residências, em sua maioria eram propriedades de fazendeiros que em certas épocas do ano se mantinham fechadas. A casa residencial das cidades-beira Remanso e Pilão Arcado, em sua maioria eram térreas de pau-a-pique ou adobe, algumas pertencentes às famílias mais abastadas possuíam paredes de tijolos. Elas pouco se diferem das casas da fazenda. Quase sempre estas casas tem as mesmas cornijas, as mesmas telhas, o mesmo sistema de caibros e ripas, a porta de entrada quase sempre entre janelas, a sala de frente, um corredor, a sala de jantar tudo com muita similaridade. Em algumas o uso de platibandas emprestam-lhe glamour e a diferencia da casa da fazenda. Os sobrados eram raras exceções. Eram casas térreas e modestas. Não havia luxo arquitetônico ou de qualquer outra natureza. A divisão dos cômodos não eram muito sábias sendo que os quartos quase sempre sem janelas recebiam claridade filtrada do telhado.

Muitas residências das duas cidades eram de terra batida, de taipa ou sopapo<sup>5</sup>, cobertas com sapé, folhas de carnaúba ou folhas de buriti. As técnicas construtivas desses habitáculos eram baseadas na estereotomia<sup>6</sup>. O material empregado é aquele que a natureza pode oferecer. Estacas ou pequenas toras como esteio para sustentação e paredes. Arcabouço constituído pelo entrelaçamento de varas, cipós ou tiras de buriti ou caroá para amarração, barro misturado a excrementos de bovinos para cobrir a estrutura. Se junta o excremento com o fim de dar ao barro uma liga capaz de resistir à ação do sol e da chuva, sem rachar ou esboroar. O barro assim preparado é lançado (sopapo) sobre o esqueleto de madeira das paredes e depois acertado ou nivelado coma as próprias mãos. Para cobertura utilizavam o sapé, folhas de carnaúba e/ou outras palmeiras. Outro tipo eram as casas de adobe. As divisões interiores era em geral uma sala, dois quartos e cozinha, Alem de baixas as paredes interiores eram mais finas que as exteriores. O piso era chão de terra batida. O fogão também de terra e pedra abastecido a lenha. Serve de trempe chapas de ferro fundido que eram colocadas sobre as aberturas de acordo com o tamanho das painéis. Os lenhadores tiravam madeira do mato a machado ajeitava a carga no jumento equipado com cangalha e cambitos (forquilha de madeira) e vendia a lenha na cidade, rua acima, rua abaixo. Ênfase que esse tipo de construção e cotidiano deitou raiz nas cidades de Remanso e Pilão Arcado.

Nas residências mais confortáveis trazia uma sala de vista na frente, um corredor que leva a sala de jantar e no mínimo quatro quartos. O ponto alto do mobiliário estava na sala da frente chefiado por uma “marquesa” (cadeira de recostos) ou um sofá, a cama do casal sempre ampla e alta com estrado, raras cômodas, porta-potes e mesinha dos santos. Já as residências do “beiradeiro humilde” eram mobiliadas por toscos tamboretas, mesas, cama-de-vento forrada com couro ou lona. As roupas na maioria das casas eram guardadas em arca. Os chifres de boi eram de grande serventia na casa do beiradeiro servindo de cabides, armador de redes, isqueiro, taquique, canecos, cabos de chicotes, enfeites para alpercatas e para os chapéus de couro. O barro também era utilizado no fabrico de utensílios domésticos como potes, moringas, canecos, painéis, cuzuzeiros e outros apetrechos de cozinha. Raramente o beiradeiro pintava sua casa de outra cor que não o branco, pois o cal era a tinta de todos.

Até meados do século XX não possuíam água encanada ou esgoto e nem latrinas em nenhuma das cidades. A água que as abasteciam eram apanhadas em latas de querosene ou potes de barro (barris) sendo conduzidas do rio para as casas nas cabeças das mulheres conhecidas como

<sup>5</sup> Taipa de Sopapo consiste do rancho de paus e palhas do indígena brasileiro preenchido de barro, às sopapadas, uma estrutura rebarbativa de paus roliços e caniços, madeiras finas e frágeis, que, no entanto, por seu entrelaçamento resultam em sólidas paredes (GANDARA: 2004, p. 106-107).

<sup>6</sup> Estereotomia segundo dicionário Aurélio é arte de dividir e cortar com rigor materiais de construção.

botadeira de água ou no lombo de jegue/jumentos. Estes, talvez, o melhor transporte de água que aparelhado com cangalha e quatro carotes, barris de umburana ou cedro. Os aguadeiros e as carregadeiras/botadeiras de água eram figuras típicas em ambas as cidades. As lavadeiras batiam a roupa ensaboada nas pedras lisas do rio.

O crescimento das cidades de Remanso e Pilão Arcado se deu em consequência da navegação a vapor e das rotas de exploração dos produtos naturais, cujos navios a vapor transportavam tanto os produtos de exportação como as mercadorias de consumo, de comércio e as gentes. Vale enfatizar que o porto fluvial de Remanso dispunha de regular movimento de navios a vapor, barcas, batelões, balsas canoas, etc. e também era servido pelas Companhias de Navegação do São Francisco. Pilão Arcado embora tivesse seu porto não possuía a fluência do porto de Remanso. Já a cidade-beira Remanso se destacava como ponto de ligação do Vale. Como bem disse Mello (1999, p. 76) “como ponto de convergência de todas as atividades e como referência de lugar comum a cidade Remanso se destacava como ponto de ligação com o resto do mundo”.

E o rio São Francisco corria solto margeado por suas vazantes e cortado pelas ilhas que tudo dispunha das suas terras férteis aos beiradeiros. A água do rio exercia uma relação muito íntima com as cidades.

### 3. Cidade-Beira Remanso: nas fissuras do Espaço-Tempo



**Figura 4.** No alto e à esquerda: Cais de Remanso. No alto e à direita: Porto para grandes embarcações vapores na cidade de Remanso. Na parte de baixo: Porto Fluvial década de 70. Fonte: Remanso, Julho 2013. Imagens fotográficas cedidas por Torvinho Regis, Ariosto Pereira e Lucia Libório.

O território em que se formou o município de Remanso possuía uma situação geográfica privilegiada. Este território e sua principal cidade era o ponto de con-fluência do Piauí, Ceará e Maranhão que comercializava com as embarcações do rio São Francisco e deste com os do rio Parnaíba.

O território em que se formou o município de Remanso possuía uma situação geográfica privilegiada. Este território e sua principal cidade era o ponto de con-fluência do Piauí, Ceará e Maranhão que comercializava com as embarcações do rio São Francisco e deste com os do rio Parnaíba.

O porto de Remanso era parada obrigatória para os negociantes que circulavam na região tanto pela terra como pelo rio. O porto fluvial da cidade-beira-rio Remanso era o ponto pulsante da cidade. Nele aportavam grandes barcas com carrancas<sup>7</sup> na proa, navios/vapores movidos à lenha, conhecidos também como gaiolas do São Francisco, as lanchas ônibus, embarcações modernas que ali aportavam, revezando-se no transporte de mercadorias em geral e de passageiros. O porto fluvial era o meio de contato com o “exterior”. Funcionava como entreposto comercial de grande importância que fazia um elo entre redes de cidades por onde os produtos entravam e saíam ligando os Estados do Piauí e Maranhão ao circuito fluvial de comércio do São Francisco. O porto era o centro econômico e social da cidade embalado pelo movimento do Mercado Municipal situado à beira-rio onde se fazia o abastecimento de gêneros alimentícios. Em consequência do movimento portuário houve incremento da/na atividade produtiva de produtos “in natura” do município Remanso, tais como, fibra de caroá, cera de carnaúba, borracha de maniçoba e de mangabeira, couros e peles, peixe salgado. Em verdade, os centros econômicos daquele tempo estavam associados aos portos fluviais cuja importância determinava e/ou definia a cidade. De fato, o Porto fluvial nessas plagas se fazia como um lugar de comércio, ponto de impactos, de encontros e desencontros, alavanca das relações comerciais e sociais. Conforme a vasta literatura sobre o rio São Francisco, o porto de Remanso era o segundo mais importante do Médio São Francisco perdia apenas para porto de Juazeiro. Havia um cais, aberto e movimentado, que marginava a cidade e centralizava boa parte da produção de couros e peles, cera de carnaúba, peixe salgado, bovinos de Sento Sé e de Pilão Arcado. Nele havia um estaleiro de pequeno porte para reparo de barcos, canoas e saveiros. O Rio São Francisco era um lugar de convivência e o banho de Rio uma prática comum. O banho de Rio no cais da cidade-beira Remanso era prática cotidiana. Vale dizer que o banho de rio foi regulado pelo Código de Posturas de 1895 que proibiu “lavarem-se despindo-se no rio, a cuja margem estão collocadas as cazas desta Villa, indivíduos maiores de 10 annos”. Em verdade, o rio São Francisco, o porto e cais era elemento de interação social, eixo espacial e principal referência social e cultural dos remansenses e, consequentemente das gentes que para ali se aportavam.

A cidade de Remanso surgiu na Rua da Latada, depois denominada Casto Alves. Esta foi a sua primeira via pública com casas de barro, com uma sala e o quarto ao lado, pequenos e que iam “alargando-se pouco a pouco com a chegada dos fugitivos das lutas de Pilão Arcado” (SANTOS, 2005, p.119). A poucos metros, entre 100 e 200 metros, da Rua da Latada, bem na beira do rio outros casebres foram construídos dando lugar ao Pizeiro. Segundo Severino Ferreira dos Santos era ali que a população mais pobre residia, “[...] a maioria pescadores, que ali aportavam seus barcos, suas pescarias, tratavam os peixes para a venda na cidade ou no mercado publico, consertavam redes e remendavam as embarcações” (SANTOS, 2005, p.119). Neste local denominado Pizeiro atracavam os gaiolas trazendo mercadorias e passageiros abastecendo o comercio local e escoando os produtos da região.

A Prefeitura de Remanso foi construída bem próxima à caixa do rio a uns cem metros do Pizeiro. Sua fachada trazia seis grandes janelas ornamentadas com estátuas grego-romanas voltadas para o rio. Ao seu lado edificou-se a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora do Rosário com a fachada da frente voltada para a mesma direção, ou seja, para o rio. Esta Igreja do segmento Católico se tornou parte decisiva e importante na/da história remansense. Em 1930 esta Igreja foi tomada como ponto estratégico da luta armada, de uma das facções Francisco Leobas de Remanso e de Franklin Albuquerque de Pilão Arcado. “O sacerdote na véspera da conflagração retirou-se para Sento Sé”. (SANTOS, 2005, p.181). Ao lado direito da Matriz ergueu a primeira Casa de Força e a Cadeia Pública.

O sistema de iluminação feito à base de lampiões a querosene que eram acesos manualmente ao escurecer, e apagados às 22 horas, um a um, pelo acendedor de lampiões, conhecido por João Canela. Somente nos anos 1950 instala-se a energia elétrica na velha cidade por meio de gerador. Muniz (2011) se referiu a este tempo em Remanso “os anos, a luz do candeieiro, a água carregada na lata e na cabeça, ou no jegue [...] Sou contemplada com a emoção de sentir saudade até da

<sup>7</sup> Carranca: escultura em madeira com forma humana e/ou animal utilizada na proa das embarcações que navegavam e navegam pelo rio São Francisco.

fumaça do candeeiro a querosene [...] (MUNIZ, 2001, p.39) (Grifos da Autora). Ela recordou [...]

*Louvo a Deus Pai por ter chegado até aqui. De cantar a minha terra tão distanciada do progresso, mesmo ao lampião, sem fantoche a seguir nossos caminhos, fazendo recordar seus costumes tão primordiais, a gamela – para lavar louça, malva babenta substituindo o sabão – areia de caroá para reluzir o brilho nos copos... o penico, a bacia com lavatório, o placa exposto na parede da sala, iluminando os quatro cantos da casa, filtro de pedra, pingando gota a gota, a centina de caixão ou cimento, o fogão a lenha conservando as brasas, a fumaça subindo no chaminé se desvairando com o tempo. Trazem saudades, o borralho e a labareda também* (MUNIZ, 2001, p.47).

O engenheiro Henrique Halfeld no relatório da sua expedição científica, da cidade-beira Remanso entre 1852 e 1854, mapeou e descreveu o espaço-cidade por onde se iniciaram os primeiros povoamentos do vale sendo o gado o marco inicial desta conquista.



**Figura 5.** Parte do Mapa extraído por Gandara em 2014 do Atlas Halfeld (1853, p. 17). Halfeld, entre 1852 e 1854, numa expedição científica produziu uma pormenorizada descrição do Rio São Francisco, desde Pirapora até a foz. O engenheiro mapeou a cidade de Remanso.

Halfeld assim descreveu o Arraial de Remanso “[...] se tornou vila em 1857, é bastante animado... Remanso possuía, nesta época, 227 casas com 4.400 habitantes no arraial [...] Mas a animação de Remanso advém principalmente do comércio, cujos produtos principais eram o sal e a rapadura”. E explicou que “[...] a atividade comercial em Remanso justificava a condição de barqueiros, pilotos e remeiros de boa parte de sua população”. (HALFELD, 1860, p.29) Já Teodoro Sampaio (1879-1880) em suas observações descreveu “[...] chegamos [...] ao Remanso a 31, vila próspera, construída sobre uma barranca alta. À margem esquerda, e cuja população nos vem receber festivamente” (SAMPAIO, 2002, p.113).

Em Remanso considerava-se como rua todo aglomerado de edificações em sentido linear. Não era raro que ruas dessem continuidade a outras, com nomes diferentes. A maneira exata como foi urdido sua planta no tecido histórico e ideológico de seu tempo, talvez, se revele melhor assentadas num quadro geográfico. Cada uma tem seu tempo e sua história. São produtos do seu tempo, como diz Munford (1961, p.14). Verifiquei que a cidade beiradeira para usufruir das vantagens do rio São Francisco e do tráfego fluvial tendeu a se aproximar, o mais possível, da “caixa do rio”. As “vendas”/lojas/bodegas se agrupavam, principalmente, na Rua Barão do Rio Branco e na Rua do Comércio. Elas alternavam a função de recolhedoras de artigos catados ou beneficiados localmente e a de distribuidora de itens importados. Esta atividade comercial assentada nas ruas era conhecida como bodega. Geralmente, esses pequenos pontos de venda funcionavam na própria residência, onde se depositavam alguns produtos de maior necessidade. Nas bodegas encontrava-se uma variedade de produtos de primeira necessidade e de manufaturados.

Pelo Código de Posturas em 12/10/1858 notam-se preocupações por parte da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora do Remanso de Pilão Arcade para disciplinar as construções, fomentar a limpeza e salubridade. Também regular as edificações e logradouros públicos além de zelar e manter os “bons costumes”. Nele está disposto que “todos os habitantes de cazas sitas nesta Villa dentro da demarcação da decima urbana serão obrigados a mandar cair as frentes das suas cazas duas vezes ao anno, uma no mês de junho e outra no mês de dezembro”. Também proibia “edificar-se cazas cobertas de palha dentro do povoado desta Villa, salvo na rua contigna ao alagadiço, nem mesmo se poderá reedificar as existentes, salvo se passarem a ser cobertas de telhas e no devido alinhamento [...]”. Estabelecia e proibia “levantar cazas, reedificá-las, nem levantar cercas ou muros, ou fazer qualquer alteração nas frentes de suas casas sem licença dessa câmara para se lhe der o competente

alinhamento”. Quanto a salubridade o código de posturas proibia “matar rezes dentro das ruas e praças desta Villa” [...] excavações dentro desta Villa e margem do rio [...].”

Houve um crescimento espacial da cidade a partir de um pequeno centro comercial composto de praça e mercado que fora edificado próximo à Igreja Católica, junto ao porto. Neste centro encontravam-se praticamente todos os itens da alimentação. No rio São Francisco inúmeras ilhas eram cultivadas o ano inteiro. Em Remanso cultivava nas Ilhas do Meio, Ilha Severo Rocha, Ilha do Lamarão, “pareciam gigantescos canteiros flutuantes nas águas do velho Chico, embelezando a frente da Cidade”. Os produtos aí produzidos eram levados para serem comercializados nesse centro comercial. As enchentes, ao lado do otimismo que se encaram os benefícios do rio, movia a vida dos indivíduos no/do vale do rio. A agricultura de vazantes feita na beira-rio ou nas ilhas era regulada pela oscilação do nível das águas. Ainda hoje o ritmo das enchentes é um calendário natural a marcar a vida econômica do vale de “desastres e frustrações”. O criame de pequeno porte e o plantio em vazante em Remanso era prática corriqueira conhecida e apreciada. Como disse Lopes (1978, p.17), “a carne de sol de Remanso tem mais renome do que os coronéis Francisco Leobas e Francolino Lima”.

O Decreto Municipal nº 21, de 4/06/1939 definiu a cidade-beira Remanso em área urbana e área suburbana. A disposição espacial cidadina integrava à sua topografia, distribuída em dois altiplanos, separados por uma várzea inundável. Na área urbana denominada Remanso era a do seu nascedouro com as edificações bem próximas à caixa do rio, ou seja, a beira-rio São Francisco. Essa área formava o centro da cidade. Ali estavam edificadas a Prefeitura, as repartições públicas, o comércio, a Igreja, o cais e outros edifícios voltados aos serviços. E, ainda, as residências das famílias mais antigas, ditas tradicionais. As ruas seguiam paralelas ao cais próximas do rio. Poucas ruas eram pavimentadas com paralelepípedos. Já a área suburbana segundo altiplano estava os Capões<sup>8</sup> que seguiam o sentido de descida do rio. Compreendia os bairros Capão de Baixo e Capão de Cima, situados há aproximadamente duzentos metros da zona urbana, separados por um terreno baldio, chamado Várzea. O Cemitério Municipal dividia os dois altiplanos, Remanso e Capão. Com o passar do tempo, numa área intermediária aos dois Capões surge uma nova aglomeração de casas, o qual passou a ser chamado Capão do Meio. Compunha a área suburbana os bairros Piseiro situado a leste da zona urbana, surgido aproximadamente ao mesmo tempo da parte central e a Gameleira, Poarema e Cancelão. Como se vê a cidade de Remanso em fins da década de 30 já se compunha de oito bairros o que comprova o seu crescimento físico.

Em relação às áreas verdes intracidade pouco existiam. Havia razoável arborização no Bairro do Capão que os frutos serviam de complemento alimentar e as suas sombras amenizavam calor intenso do semiárido aos beiradeiros. Nos campos abertos haviam árvores esparsas. No centro foi construída uma praça arborizada. Em Remanso havia grandes áreas abertas conhecidas como várzeas e outras áreas não ocupadas que eram utilizadas como espaço para recreação e jogos de futebol.

Embora a cidade de Remanso, nos fins das décadas de 1930, já contasse com água tratada e encanada e um principiante serviço de esgoto, os mesmos só estavam disponíveis no centro. Os automóveis se multiplicavam e tornava-se comum a presença de aviões, que transportavam pessoas e encomendas. A cidade possuía um campo de pousos com duas pistas servida regularmente do Consórcio REAL-Aerovias-Nacional com seis pousos semanais ligando-se a Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro bem como, a várias cidades marginais do São Francisco. Tinham, ainda, representações de várias empresas aéreas como VARIG, Nacional, Real e o Correio Aéreo Nacional (CAN) com passagem regular. Ao registrar a trajetória da sua família Manoel Bonfim Ribeiro (1996, p.56) descreveu a cidade de Remanso e seu entorno na década de 1940 “Quando de caminhão chegamos na cidade em 1941 [...]”. E passa a lembrar as cenas locais cotidianas.

*O dia amanheceu e a nossa primeira curiosidade foi sondar o novo ambiente. Vida nova, beira de rio, vapores do São Francisco apitando e atracando. As barcas com suas carrancas exóticas e os toldos em palha, velas enfunadas em leque, o mercado abarrotado de peixes*

<sup>8</sup> “Capão” é um toponímico típico da caatinga, conta de uma área aberta na caatinga, com vegetação baixa.

*sob o comando do grande pescador José Maria. Uma sociedade receptiva, acolhedora e prestativa foi o que encontramos em Remanso. A Casa Santo Antônio já estava em pleno funcionamento. Loja grande, tecidos variados com belas padronagens e uma grande movimentação de vendas (RIBEIRO, 1996, p.56).*

A cidade de Remanso, em 1950, parafraseando Jurandyr Pires Ferreira contava com setenta e um (71) logradouros públicos quinze (15) dos quais pavimentados a paralelepípedos, três (3) arborizados e ajardinados, trinta e sete (37) iluminados com luz elétrica. De seus um mil trezentos setenta e um (1371) prédios apenas cento e vinte e sete (127) eram servidos de energia elétrica. Tinha dois (2) hotéis e uma (1) pensão, oito (8) automóveis e quatorze (14) caminhões registrados na repartição competente. Tinha um (1) cinema, duas (2) sociedades recreativas, duas (2) bibliotecas inclusive a da Prefeitura Municipal com mais de mil (1000) volumes. Consigna-se a existência do Grupo Escolar Estadual Getulio Vargas e o Ginásio Municipal Ruy Barbosa. Era sede da paróquia Nossa Senhora do Rosário de Remanso fundada em 27/04/1872. Conta com uma matriz, uma igreja comum, 14 capelas. Nela existiam 123 estabelecimentos com 121 varejistas e oito atacadistas. O comércio mantinha transações com as praças de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Juazeiro e Petrolina (FERREIRA, 1950, p.153). Mesmo com a redução da navegação e do aporte de mercadorias no porto fluvial de Remanso, o cais continuava sendo um ponto de grande movimentação de pessoas, mercadorias e animais. Lá, nos anos de 1950, era organizado o controle de saneamento, campanhas de higiene e campanhas de combate a doenças endêmicas ou epidêmicas. A unidade funcionava em um prédio amplo e moderno, projetado para ser um hospital, que não funcionou plenamente ocupando parte das dependências. A rede de esgotos consistia no lançamento dos dejetos em fossas ou mesmo nas vias públicas, de onde boa parte fluía para o rio. Campanhas sanitárias do Governo Federal disseminaram o uso de latrinas com fossa, em pequenas cabines de concreto, que eram instaladas geralmente nos quintais das residências

A cidade-beira Remanso na luz da sua história entre as fissuras do espaço-tempo foi ao mesmo tempo o local e o meio, captador e distribuidor, dos quais os mais importantes foram às integrações dadas pelas trocas comerciais e pela navegação a vapor. Esta cidade não poderia ser compreendida sem as atividades oriundas das relações comerciais e das comunicações. Parafraseando Giulio Carlo Argan (1998, p.235), é então que a cidade sofre uma transformação bem mais profunda, embora menos visível, ou seja, a cidade deixa de ser lugar de abrigo, proteção, refúgio e torna-se aparato da comunicação. Comunicação no sentido de deslocamento e de relação, mas também no sentido de transmissão de determinados conteúdos urbanos.

Esta cidade fisicamente desapareceu submersa nas águas do Lago Sobradinho, mas ficaram as lembranças, as palavras e muito dos costumes, imutáveis testemunhas do espaço, das suas crenças e de sua cotidianidade. Encaradas desse modo se apresenta com um caráter absolutamente inimitável. Nada do que é moderno lhes é semelhante. E no futuro nada poderá ser-lhes semelhante. Ela se mantém viva e não se perde na “caduquice do tempo”. Sobrepõe-se historicamente por meio dos contornos da memória. Parafraseando Jacques Le Goff (1992) a memória é uma fonte de imortalidade [...] Contudo somos cientes de que as ações humanas podem desviar, mas não recuperar a flecha do tempo. Destarte, ao considerarmos os acontecimentos selecionamos aspectos da realidade que nos informaram deixando de lado outras dimensões dessa mesma realidade, o que significa e implica dizer que não colocamos em discussão a plena realidade abarcando todos os aspectos das relações entre a sociedade remansense e seu espaço vivido.

#### **4. Cidade-Beira Pilão Arcado: o signo de um “mundo”**

A antiga sede Municipal de Pilão Arcado ficava localizada em uma vista privilegiada próxima a um meandro do rio São Francisco, “na base de um serrote, onde no topo desse serrote, se encontra a famosa pedra branca, que foi adaptado um cruzeiro [...] recordou que “na rua da praça ficava a igreja Santo Antonio, que tinha um sino possante, que quanto tocado, era ouvido a varias léguas de distancia...”. Segundo nosso entrevistado e memorialista Guarabira Queiroz

Lima<sup>9</sup>, a rua do meio com formato sinuoso era onde ficava a casa da sua família, a rua do Serrote [...] “Recordo da rua de Baixo, da rua de Cima, do beco do Sebo, do riacho do Marizeiro, do campinho de futebol bem próximo ao velho cemitério, ao curral de matança de bois, e ao porto dos vapores e das barcas que era localizado na rampa do velho tamarindeiro” (LIMA: 2010, p. 24-41). Joana Camandaroba após 64 anos fora da localidade ao chegar à nova Pilão Arcado reclamou

*Que é da Pedra Branca, da Pedra do Remando, da Velha Cruz milagreira da rua de cima [...] do comercio monopolizado [...] dos casarões residenciais [...] da mansão dos Albuquerque [...] da usina do coronel Franklin [...] da Casa Brasil? A Igreja de Santo Antônio, [...] Ali [...] as ruazinhas estreitas, apertadas entre o morro da Pedra Branca e o rio São Francisco [...] aquela gente pura, humana, sincera, racista [...] Que é das famílias do meu tempo? [...] E as novenas de São Miguel?* (CAMANDARоба, 2004, p.318-319).

Wilson Lins recordou Pilão Arcado “é uma vila antiga, de ruas tortuosas e casas de construção sólida que desafiam o tempo” (LINS: 1983, p.74). Ele também se referiu a casa de seu pai Cel. Franklin Lins Albuquerque. “A casa de meu pai, em Pilão Arcado, era construída sobre os alicerces de três outras que sucessivas enchentes do São Francisco havia, repetidamente, convertido em chão batido”. Enfatizou que “a platibanda rendilhada informava o ano da ultima construção a 1907”. Devido sua proximidade a caixa do rio sofreu com as grandes enchentes, mas “o casarão emergiu sobranceiro, pois tinha sido implantado sobre fundações de pedra e cal, de baixo das quais jaziam ruínas de construções do tempo do desbravamento” (LINS, 1997, p.17). Está lá em sua altivez, embora em ruínas, compondo o cenário do patrimônio em estado de abandono. Como diz Wilson Lins “O vilarejo ainda sobrevive nas doze ou quinze casas cujos donos foram indenizados, mas as conservaram em pé, compondo o tortuoso arruado de que servem os pescadores e barqueiros, cujas bilocas constituem o minguido comercio remanescente, e uma vez por ano, volta a juntar à terra firme” (LINS,1997, p.19).

Quanto a Igreja de Santo Antônio<sup>10</sup>, uma das mais antigas da região, foi construída no ano de 1873 e se encontra em ruínas resistindo ao tempo com toda sua imponência. O memorialista Guarabira recordou de que fora construída com muitas dificuldades na época “carregando pedras do serrote branco que fica no outro lado do rio. Localizava-se em frente à pedra do remanso, encravada no rio São Francisco, do adro da igreja se avistava o mercado Publico Municipal” (LIMA 2010 p.41). Suas pratarias sacras foram enviadas para a cidade Barra, sede da Diocese, quando da abertura das compotas de Sobradinho. A Prefeitura era conjugada com a Cadeia Publica, sendo que aquela utilizava o piso superior e a Cadeia o piso térreo, “o piso da prefeitura era de tábuas [...]” nos disse LIMA (2010 p.41).

Hoje, a cidade-beira de Pilão Arcado se encontra ilhada pelas águas do lago de Sobradinho constituindo-se um sitio arqueológico com seu traçado, sua estrutura com suas edificações “de pé” reclamando por um tombamento e quiçá em um novo uso a exemplo de um parque para visitaçao. Aquela fatia do território pilãoarcadense com sua paisagem de caatinga e aquela paisagem construída que remonta a história do povoamento interior do Brasil com suas técnicas construtivas em quase cinco séculos bem que poderia ser tombada/musealizada como Patrimônio Ambiental do Espaço-Tempo Vivido. Enfatizo que o que se conservou no tempo e no espaço da cidade-beira Pilão Arcado aqui circunscrito constitui um acervo arqueológico museável que representa a análise de um tempo e de um espaço vivido contando a sua história e a da imbricada Remanso que fora “filha/mãe/irmã e muitas das vezes, dependendo das circunstancias políticas, econômicas e social, a grande rival e arena dos combates sangrentos. As pessoas carregaram consigo marcas autênticas e o vestígio indubitável da cidade/espaço vivido. A imaginação e as lendas que lhes vêm dos tempos

<sup>9</sup> Entrevistei o memorialista Guarabira Queiroz Lima em julho de 2013 na cidade de Remanso. Convidou-nos para ir a sua casa na nova cidade de Pilão Arcado onde nos ofereceu de presente seu livro intitulado “PILÃO ARCADO um marco do rio São Francisco (Documentários e Histórias Diversas)”. Salvador: Bureau Graf. e Editora, 2010.

<sup>10</sup> As ruínas desta igreja encontra-se no sitio arqueológico do qual visitamos neste ano de 2014.

antigos são testemunhas do modo de pensar cotidianamente e remonta a história das gentes que ali se aportaram. Expressam o pensamento de épocas passadas modelada de acordo com o ambiente.

## 5. Considerações Finais

Nosso propósito foi demonstrar os ramos de um mesmo tronco, originários de espaços e de destinos semelhantes que configuram no tempo e no espaço. A paisagem geográfica e arquitetônica das cidades-beira aqui circunscritas se manifesta concretamente como testemunho de um tempo. Como se vê temos um universo de temporalidades múltiplas e mescladas a desvendar para contar e expressar a história de um território submerso por necessidades antropogênicas. Das paisagens existentes e imagens iconográficas das antigas cidades-beira Remanso e Pilão Arcado quis fazê-las reviver entre nós em sua forma física e cotidiana. Kohlsdorf, (1996) enfatiza que, “a apreensão dos lugares dá-se, necessariamente, a partir de sua forma física conforme diversas abordagens arquitetônicas e geográficas da cidade, e também nos estudos centrados nos mecanismos cognitivos”. Ele argumenta que é preciso que “se observe os lugares como composições plásticas, isto é, elementos relacionados em conjuntos, ou ainda, totalidades”. Compartilho com Bachelard (1998, p. 2) de que “[...] com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer”. Por tudo isso e tendo transposto a desordem das coisas na imobilidade condensada que associamos aqui a longinqua história do/no “mundo cidadão” Remanso desaparecido. Esta formação cidadina vai tão longe no passado que atinge uma espécie de transcendência da memória. O minúsculo, porta estreita por excelência, abre um outro mundo, o de Pilão Arcado, pois das cidades submersas pelo lago Sobradinho somente essa ficou ilhada como o registro de um tempo que já não existe mais. O pormenor daquelas cidades patrimonializado, musealizado pode vir a ser o signo de um mundo que, como todos os mundos, contém os atributos da grandeza. Enfatizo que a história daquelas cidades-beira são território/moradas da memória no tempo e no espaço. Ali o alhures e o outrora são mais fortes. Como historiadora procurei descrever dali aquilo que o leitor quer conhecer, o que é familiar a todos por ser vivido. O que há de mais familiar do que aqueles objetos arquitetônicos que constituem a cultura material? Afinal a cultura material se exprime em e por objetos. Além disso, por meio dos objetos é das gentes e das coisas que ela trata, ou seja, “os homens e as coisas, as coisas e os homens”, como diz Fernand Braudel (1996).

## 6. Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1998. Trad. Pier Luigi Cabra.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo : Martins Fontes, 1988.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII – As Estruturas do Cotidiano: O Possível e o Impossível**. v. 01. São Paulo : Martin Fontes, 1997.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo**. (3 vols.) São Paulo : Martins Fontes, 1996.

BRAUDEL, Fernand. Dans Le Brésil Bahianais: Le Présent Explique le Passé. In: **Écrits sur l'histoire**. Paris : Flammarion, 1978.

CAMANDAROBA, Joana. **O último canto do cisne**. Salvador : EGBA, 2004.

FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Cidades do Piauí**. Conselhos Nacional de Geografia e Nacional de Estatística. Janeiro de 1958.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Uruaçu: Cidade beira, Cidade fronteira.(1910-1960)**. Goiânia : UFG, 2004.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba. Cidades Beira. (1850-1950)**. Teresina : UFPI, 2010

GANDARA, Gercinair Silvério. Império das Águas Parnaibanas: identidade e globalização no Piauí. In : **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina : UFPI, 2010.

GUATARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. **Espaço & Debates**, São Paulo : ano V, n. 16, 1985.

HALFELD, Henrique Guilherme Fernando. **Atlas e Relatório do Rio São Francisco**. Rio de Janeiro : Lithographia Imperial Eduardo Bensburg, 1860.

HOLZER, Werther. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. São Paulo : FFLCH/USP, 1998.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul. / dez. 1997.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília : UNB, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris : Anthropos, 1974.

LIMA, Guarabira Queiroz. **Pilão Arcado: um marco do rio São Francisco** (Documentários e Histórias Diversas). Salvador : Bureau Graf. e Editora, 2010.

LINS, Wilson de Albuquerque. **O médio São Francisco. Uma sociedade de pastores guerreiros**. 3ª ed., São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1983. (Coleção Brasileira).

LINS, Wilson. **Aprendizagem do absurdo: uma casa após a outra, memórias**. Salvador : EGBA, 1997.

LOPES, Accioly. **Remeiros e Romeiros do São Francisco**. Rio de Janeiro : Ed. Cátedra, 1978.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado de. **História Política do Baixo-Médio São Francisco: Um estudo de caso de coronelismo**. Salvador : UFB, 1999. Dissertação de Mestrado.

MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Brasília : UNB, 1982.

MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, suas transformações, suas perspectivas**. São Paulo : Ed. Itatiaia, 1965.

MUNFORD, Lewis. **A Cultura das Cidades**. São Paulo : Ed. Itatiaia, 1961.

MUNIZ, Marisa. **Remanso pedaço de um chão II**. Goiânia : Kelps, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo : Ed. Ática, 1993.

RIBEIRO, Manoel do Bonfim Dias. **Semiárido - Potencialidade: Rio São Francisco - transposição, revitalização**. Brasília : Ed Qualidade, 2007

SAMPAIO, Teodoro. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. Organização José Carlos Barreto de Santana. São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

SANTOS Severino Ferreira dos. **Remanso: passado e presente**. Salvador : Secretaria da Cultura e Turismo, 2005.